

O Gaúcho: Sua formação histórica, seus costumes, um culto à liberdade

Manoel Soriano Neto*

...ao se falar em gaúcho, não se deve referir a um simples toponímico e sim a um termo que se reporta a um tipo humano de feição própria, diferenciado, e muito, dos demais, por suas características e sua filosofia de vida, cujas raízes estão fincadas, onde pode usufruir de sua total independência, libérrimo e solto nos grandes espaços...

Assim o autor procura resumir o perfil do personagem central deste ensaio, a quem o Brasil muito deve pela manutenção de sua soberania e integridade na fronteira sulina.

Foi no século XVIII, após a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, quase repetição do Tratado de Madri, de 1750, que os lindes do atual Estado do Rio Grande do Sul se estabeleceriam, na quase totalidade de sua extensão. Entretanto, a fronteira definitiva só se delineou após a assinatura do Tratado de Badajós, em 1801, no alvorecer do século XIX. Espanha e França declara-

ram guerra a Portugal, aliado da Inglaterra, naquele ano de 1801. A guerra sustentada por Portugal contra a Espanha dá ensejo a que colonos portugueses e luso-brasileiros atacassem povoações em poder dos espanhóis, por força do Tratado de Santo Ildefonso, eis que começava a se acentuar um irresistível sentimento pátrio, nativista.

A primeira, cidade a ser tomada foi Cerro Largo, através da atuação vigorosa do

Coronel Manuel Marques de Souza, avô do glorioso Conde de Porto Alegre, que possuía o mesmo nome de seu ascendente. A ação prosseguiria com Patrício José Correia da Câmara, Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, todos caudilhos gaúchos da velha cepa, que conquistaram a região das Missões, através de suas *califórnicas* e *tropelias* guerrilheiras, a cavalo e à ponta de lança e espada. Assim, foi rompido o Tra-

* Coronel de Infantaria e Estado-Maior. Chefe do Centro de Documentação do Exército.

tado de Santo Ildefonso, disso resultando a conquista de todo o oeste gaúcho e o robustecimento de um regionalismo que vararia os tempos e influiria nos usos, nos hábitos, nos costumes, no *ethos*, enfim, do povo da região.

Destarte, a colonização da área poderia prosseguir, diríamos até, iniciar-se, nos albores do século XIX, posto que a base física fora consolidada, militarmente, mercê da ação intemorata e audaz do vaqueano gaúcho e de sua gente.

A comunidade do sul do Brasil, àquela época, apresentava dois aspectos distintos. Havia o núcleo junto à costa atlântica, onde predominou um tipo humano a que os historiadores passaram a chamar de *continentino*, existindo também outro núcleo, do interior, onde o habitante ficou conhecido por *platino* em face da influência centrípeta do ecúmeno existente ao Sul e Sudoeste, cujo centro era Buenos Aires.

No litoral, na faixa que se estendia de Laguna-SC a Coxilha Grande, se estabeleceram os portugueses, provenientes do Rio de Janeiro, São Paulo e da própria Laguna.

O grupo platino sofria a forte influência do pólo de poder argentino, considerando aí o Vice-Reinado do Rio da Prata, com o Uruguai já vocacionado para o seu destino de Estado-tampão, onde o espírito autóctone, telúrico, mais e mais se exacerbava. As fronteiras abertas e permeáveis ao trânsito das gentes era fator de estímulo à atração platina, cujo desejo, perdurando o sentimento por muito tempo, era o de reconquistar a região dantes perdida para os luso-brasileiros, os quais, a essa intenção, se opuseram tenazmente.

Em vista disso, a colonização dessa área foi consolidada em função das necessidades militares. Daí dizer-se, escoimado o exagero da afirmação, que o Rio Grande do Sul se colonizou *manu militari*, por meio dos quartéis, até hoje espalhados em todo o estado, em especial nas fronteiras. Não é de admirar-se, pois, o sentimento de militarismo, que predominou por tanto tempo e ainda hoje predomina, apesar do sabor da época, no seio da autêntica comunidade gaúcha, aqui tomado o termo *militarismo* sem a conotação semântica que alguns lhe querem dar, e sim

como o lídimo amor à disciplina, à ordem, ao cumprimento irrestrito do dever, à arte da guerra.

O povoamento vai se fazer, então, naqueles primeiros tempos, de duas formas: na área do litoral, pela junção das correntes de imigração branca - uma portuguesa, oriunda de São Vicente - SP, Rio de Janeiro e Laguna - SC e outra espanhola, de Buenos Aires. Já no interior, na região da campanha gaúcha, deu-se o encontro do mameluco de origem lusitana e do mestiço de origem espanhola, ambos tipos já miscigenados de algumas gerações, todos aglutinados pela faina comum do trato com o gado e praticando uma incipiente agricultura. Do jogo de interesses em oposição, prevaleceria a influência luso-brasileira numa área que era predominantemente pastoril, e poderia se tornar espanhola ou mesmo adotar uma solução de autonomia própria, caso não houvesse a pronta ação da Coroa portuguesa, através da disseminação, em todo o território gaúcho, de quartéis do Exército, como já nos referimos.

Eis, pois, a gênese da formação da nacionalidade

no Rio Grande do Sul. Mas o processo continuaria, com a chegada de fluxos imigratórios europeus, o que transformaria o Rio Grande num extraordinário mosaico étnico. Esses fluxos de imigração integrar-se-iam ao primeiro contingente a que aludimos, linhas atrás, *aquerenciando-se* à nova terra. Assim é, que, dois anos após a proclamação da nossa Independência, ou seja, no ano de 1824, chegam as primeiras levas de alemães, que vêm preencher os grandes espaços vazios, sempre cobichados, por terem sido perdidos pelos castelhanos, nossos vizinhos. Os alemães foram engajados no nascente Exército Brasileiro e já tomaram parte na Guerra da Cisplatina e em outras, posteriores. Chegavam aos milhares, tornando-se maioria em vários municípios dos vales do Caí, dos Sinos, do Taquari, do Jacuí, do alto Uruguai e das Missões. Hoje, a família alemã, já mesclada o bastante, constitui cerca de 30% de toda a população riograndense.

Em 1875, também oficialmente, com o auxílio do Imperador D. Pedro II, vieram os italianos, em menor número do que os

alemães, constituindo, juntamente com seus descendentes, igualmente já bastante amalgamados com as demais etnias, por volta de 20% da população gaúcha. Na mesma época, e em menor quantidade, chegaram os poloneses, que se representam com sua descendência no Rio Grande do Sul, num percentual aproximado de 3% da população. Em percentuais bem mais ínfimos, lá se integram, outrossim, minorias espanholas, francesas, judias sírio-libanesas, etc..

Convém lembrar, a fim de que completemos esta sucinta abordagem, o ocorrido com o negro e o índio. Quanto àquele, foi desaconselhada em Portugal, inicialmente, e pelos dois Impérios, posteriormente, a vinda para o sul, em vista da predominância pastoril na área, atividade não afeita aos negros; os que lá chegaram, em pequeno número, eram os escravos das fazendas, muito cobichados pelos fazendeiros paulistas que os compravam e levavam a qualquer preço, e eram também os soldados do Exército, mandados servir, o mais das vezes, como milicianos, na guarda da extensa frontei-

ra terrestre, ficando famosa a Cavalaria dos Lanceiros Negros Gaúchos.

Quanto aos índios, eles foram, lastimavelmente, destruídos e/ou capturados por sucessivas expedições de bandeirantes paulistas, sendo Antônio Raposo Tavares o mais famoso deles, havendo além disso, o grande morticínio da chamada *Guerra Guaranítica* (1754 - 1756), quando os nativos perderam os Sete Povos das Missões, sendo expulsos, juntamente com os jesuítas, para a margem direita do rio Uruguai.

Naquela campanha contra espanhóis e portugueses, avultou a figura do índio Antônio Sepé Tiaraju, legendário e heróico Alcaide do Povo de São Miguel, condutor dos aborígenes, os quais sobrevivem até hoje, existindo pequenos e isolados *stocks* nas reservas e tolidos indígenas, da ordem de uma dezena, espalhados pelo estado. Cumpre, entretanto, não esquecer, da grande miscigenação inicial existente entre portugueses, açorianos (dos quais chegaram 4.000 casais no Rio Grande do Sul, tendo, muitos deles, participado da fundação de *Porto Alegre dos Casais*) e índios, pelo que se observa, na

fisionomia de vários tipos humanos da região, os traços característicos dessas etnias.

Hoje, o tradicional churrasco gaúcho é mais saboroso, pois os *gringos*, além de terem aprendido a fazê-lo, cevando o mate-chimarrão, complementaram as iguarias típicas da terra, com a salada, o salsichão, o chope, a chimia, a polenta, o vinho italiano, etc., e, por que não dizer, com a música européia de tradição milenar, desde que lá chegaram, quando a população mais antiga e pioneira - a luso-brasileira, afro e índia - era escassa e ainda não definira o tipo gaúcho sul-riograndense, aliás não definido até hoje, em face da imensa variedade de raças existentes no sempre lembrado Continente ou Capitania de São Pedro.

Eis o *melting pot* racial do povoamento da terra gaúcha.

Caberia, então, a pergunta: como e por que permaneceram quase intactos, a *alma* e o estilo telúrico do *gaúcho*, um tipo humano especial, em uma região tão mesclada etnicamente, a ponto de se afirmar que a gaúcha, por isso mesmo, herdeira das belezas de toda essa gente, é a mais bonita das brasileiras?

São aspectos que sociólogos e outros cientistas sociais deveriam analisar com mais percuciência, pois é consabida a preservação básica da forma de viver, dos velhos hábitos e manias gauchescas, por grande parte de uma população que, apesar da atmosfera do atual momento histórico e antropológico, espontaneamente os cultiva, para o bem de nossa saúde cívica, até com uma propositada e exagerada dose de bairrismo, tornando-se ímpar, original e autêntica.

E o que será o gaúcho?

O gaúcho não é tão somente o natural do Rio Grande do Sul - este é o gaúcho brasileiro. O gaúcho é o cavaleiro errante das Américas, o que preza, acima de tudo, a liberdade; é o *gaucho* argentino e uruguaio, o *guasos* chileno, o *lhanero* da Venezuela, o *charro* mexicano, o *cowboy* dos EUA. O gaúcho é o tipo enaltecido em prosa e verso, até pelo grande Alexandre Dumas (pai) e magnificamente descrito por dois excepcionais escritores brasileiros, um cearense, José de Alencar, no livro *O Gaúcho* e Érico Veríssimo, riograndense do sul, em tantas publicações da vasta la-

vra deste ilustre nome de nossa beletrística, particularmente em *O Tempo e o Vento*, *Capitão Rodrigo* e *Ana Terra*, caracterizando a *tipologia guasca dos pagos indomáveis*...

É importante destacar-se que, ao se falar em gaúcho, mesmo nos dias atuais, não se deve referir a um simples toponímico e sim a um termo que se reporta a um tipo humano de feição própria, diferenciado, e muito, dos demais, por suas características, por sua filosofia de vida, cujas raízes estão bem fincadas no campo, na campanha, nos pampas, nas coxilhas, onde o *gaudério* pode usufruir de sua total independência, libérrimo e solto nos grandes espaços.

Não é gaúcho, no dizer de Érico Veríssimo, quem não sabe montar a cavalo nem castrar um terneiro; quem não sabe cevar um chimarrão; o que nunca boleou um laço; o que não é capaz de lutar por sua prenda. *O que não ama a liberdade, não possui hombridade nem palavra e se acovarda*, sentenciava Veríssimo *poderá ser um ficção de gaúcho, mas não o autêntico filho da Terra de São Pedro*, realçando, assim, o gauchismo, evidentemente de forma hiperbólica.

E o decantado *machismo* gaúcho? Muito já se disse e se escreveu a respeito do *centauro matcho dos pampas*. Martin Fierro, sempre se referia a essa particularidade do caráter gaúcho e, ao comparar o gaúcho ao *gringo* dizia: *Los gringos son buenos maridos pero malos amantes. Son mui debiles. Los machos somos nosotros*. Assim, não é de espantar a *santa soberba gaúcha*, como que, citando Régis Cortesão, aquele tipo humano *possuísse o monopólio da coragem, da impetuosidade, da bravura e até da virilidade*.

Famosa se tornou Bagé pelos *causos* de *machidez* ou *machidão*, não importa o neologismo, que passaram ao folclore da terra e foram catalogados por Simões Lopes Neto, em *Contos Gauchescos*. Conta-nos Lopes Neto que, num trem que vinha do Rio para São Paulo, um passageiro entregou o seu bilhete espetado na ponta de um adaga, assim dizendo ao condutor: *Sou de Bagé, tchê, e é assim que nós fazemos em nossa terra*; de súbito, o condutor saca de um revólver e picota o bilhete com dois tiros, dizendo: *Tchê também sou de Bagé...* Noutro *causo*, Simões Lopes Neto nos conta que

um bageense tendo de se submeter a uma intervenção cirúrgica de certa gravidade, já prestes a ser anestesiado, disse ao médico: *vê que tu vai fazer, Doutor pois esse vai ser, em toda minha vida de bageense bagüal, o primeiro talho que não defendo*. Diz ainda o autor de *Contos Gauchescos*, que é bem conhecida a expressão bageense que diz: *para nós de Bagé talho de palmo é vacina*.

Entretanto, a História foi madrasta com o Rio Grande, que se viu talado por onze guerras e revoluções ao longo de sua evolução histórica. O Rio Grande do Sul foi, durante mais de cem anos, o mais sangrento dos campos de batalha do Brasil; era natural, portanto, que lá se formasse uma sociedade em que só sobreviveriam os fortes, os determinados, os mais bravos. Daí ser o gaúcho considerado o melhor soldado de nossas Forças Armadas, ainda nos dias hodiernos, porquanto ele é legatário do incomensurável acervo de feitos guerreiros que lhe foram passados pelo legendário Osório, pelo Marquês de Tamandaré, por Mallet, que apesar de francês, residia e fincou raízes no Rio Grande, pelos Menna Barreto, de São

Gabriel, (terra também do Marechal Mascarenhas de Moraes), por Bento Gonçalves, pelo Conde de Porto Alegre, pelo General Câma-

O Rio Grande do Sul foi, durante mais de cem anos, o mais sangrento dos campos de batalha do Brasil; era natural, portanto, que lá se formasse uma sociedade em que só sobreviveriam os fortes, os determinados, os mais bravos.

ra e por tantos outros, terra aonde vieram a *pelear* homens que projetaram o Brasil através de heróicos atos de guerra, como o General Sampaio - Patrono da Infantaria Brasileira e o Duque de Caxias - Patrono do Exército Brasileiro.

História madrasta, sim, mas que propiciou o surgimento e o fortalecimento das mais caras virtudes castrenses como o despreendimento, o repúdio à traição, a coragem física e moral, o cavalheirismo, a lealdade, etc.

Fazendo-se uma visada-à-ré, nessa evocação ao pretérito marcial da terra gaúcha, nunca é demais lembrar da proclamação feita por Caxias - o *Pacificador*, quando deu início à pacificação da província, assolada pela Revolução Farrroupilha:

Riograndenses: abrace-mo-nos e unamo-nos para marcharmos não peito-a-peito, mas sim, ombro-a-ombro, em defesa da Pátria que é a nossa mãe-comum.

Foi justamente esse homem, Caxias, eleito ao final da luta, pelos próprios farroupilhas, Presidente da Província que ele apaziguara, o que bem evidencia a magnanimidade de coração daqueles inesquecíveis gaúchos.

A esse respeito, ainda procedendo a uma recorrência histórica, nada mais oportuno, quando assistimos, tristes e estarecidos, falar-se em movimentos cuja finalidade é promover a separação do Rio Grande do Sul, do Brasil, recordarmos das palavras do líder farroupilha David Canabarro, registradas indelévelmente nos anais de nossa História, ao repudiar a oferta de ajuda militar aos republicanos, por parte de Rosas, da Argentina:

Senhor: o primeiro dos vossos soldados que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos à paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República, está o nosso brio de brasileiros.

E, para a Paz de Ponche Verde, que tanto contribuíram o Ministro a Guerra de

então e ex-Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho, cujo augusto nome é hoje a denominação histórica do 3º Batalhão de Polícia do Exército, de Porto Alegre-RS, e o então Barão de Caxias, este assim se expressou:

Riograndenses: Sua Majestade, o Imperador, ordenou, por decreto de 18 de dezembro de 1844, o esquecimento do passado e mui positivamente recomenda, no mesmo decreto, que tais brasileiros não sejam judicialmente, nem por outra qualquer maneira, perseguidos ou inquietados pelos atos que tenham praticado durante o tempo da revolução. Essa magnânima deliberação do monarca brasileiro há de ser religiosamente cumprida. Eu o proclamo sob minha palavra de honra. Uma só vontade nos una, riograndenses: maldição a quem ousar recordarnos das nossas dissensões passadas. União e tranqüilidade sejam hoje em diante, a nossa divisa.

A seguir a essa proclamação, Caxias é lembrado de que se deveria fazer celebrar um *Te Deum*, em ação de graças pela vitória dos imperiais. O Barão aborrece-

se com a sugestão e convoca o seu Estado-Maior e o Capelão Militar lhes dizendo vagarosa firmemente as seguintes palavras:

*Se é verdade que fiz guerra aos riograndenses dissidentes, não posso deixar de sentir as suas desditas e choro pelas vítimas que eles perderam em combate, como um pai pode chorar a perda de seus filhos. Vá, Reverendo, e em lugar de um *Te Deum* em ação de graças pela vitória, diga antes uma missa de defuntos, que eu, com o meu Estado-Maior e a tropa que couber na Igreja, a iremos ouvir pelas almas de nossos irmãos que morreram em combate.*

São esses, creio, os aspectos que devemos lembrar da luta fratricida que dividiu, por quase dez anos, irmãos de sangue, de língua e crença, somente pacificados, urge repetir, mercê do inexcusável valor militar e das peregrinas virtudes de Caxias, que *obteve uma paz, na verdadeira acepção da palavra*, no sábio dizer do consagrado jornalista, historiador e acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, que, por isso, cognominou Caxias, de *Patrono da Anistia*, de todas as anistias havidas no País, em antológico artigo de título: *O Patrono da*

Anistia, publicado no Jornal do Brasil, de 22 de maio de 1988...

Sempre ouvimos, no convívio de vários anos com os companheiros de arma gaúchos, declarações peremptórias de amor ao Brasil, até com uma certa ponta de justo orgulho, em que os nobres camaradas sulinos sempre diziam: *somos brasileiros, nós, gaúchos, por opção, enquanto vocês, em decorrência da linha de Tordesilhas...*

E é por isso que há valores, há tradição, há história, há civismo. E quando um gaúcho se jacta do modo peculiar de ser e viver, acentuando o seu regionalismo, enriquece o Brasil, tão vasto, tão complexo, cujos costumes vão, desafortunadamente, sendo aplastados pelos meios de comunicação de massa, a televisão, o mais pernicioso deles, através de uma uniformização, uma padronização, até da linguagem, já nem diria, propositadamente *global*, através de um satelitismo, de um deletério colonialismo cultural, em que padrões alienígenas e divorciados da índole brasileira, nos são impingidos, diuturnamente, máxime, refri-se, pela mídia eletrônica.

Hosanas, pois, ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, com os seus CTGS (Centros de Tradições Gaúchas), que teimam, e é bom que continuem teimando, no sentido de difundir uma cultura especialíssima, enriquecedora do patrimônio histórico-cultural de um país que se deseja livre e soberano. Nada mais salutar, portanto, a nosso entender, do que a decisão da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, através da Lei 8.813, de 10 de janeiro de 1989, votada por sugestão do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), oficializando o traje típico gaúcho – a *pilcha gaúcha* – que pode substituir o traje convencional em todos os atos oficiais públicos ou privados no Rio Grande do Sul.

Esse traje de honra, de uso preferencial pelo gaúcho, consoante a deliberação tomada pela Câmara Estadual, é o *constituído pelas botas, bombacha, guaiaca, lenço no pescoço, camisa e colete, para homens, e vestido de prenda, para mulheres, de peça única com uma barra na altura do peito do pé, ficando proibido qualquer tipo de decote (a gola da blusa deve ficar em torno do pescoço), assim como as batatas e as*

bombachinhas curtas e atadas abaixo dos joelhos e as saias com barras na altura das canelas; foi, entretanto, permitido o uso do fichu, lenço ou xale preso por broche

Sempre ouvimos, no convívio de vários anos com os companheiros de arma gaúchos, declarações peremptórias de amor ao Brasil, até com uma certa ponta de justo orgulho, em que os nobres camaradas sulinos sempre diziam: somos brasileiros, nós, gaúchos, por opção, enquanto vocês, em decorrência da linha de Tordesilhas...

na altura do peito, abolidos os lenços no pescoço, ficando as cores, cortes e babados a critério das usuárias.

Regulamentando-se a lei, que só admite a barra do vestido de prenda na altura do peito do pé, como dissemos, foi liberado o uso do relógio de pulso para a dança. Assim, foi dado, mui justamente, *todo o poder às bombachas...*

Eis, portanto, de forma sucinta, incompleta e imperfeita, tanto se pode dizer, algo acerca da especificidade, do estilo, do jeito de ser, dos que nasceram no bendito solo riograndense do sul.

Do caldeamento de raças, por incrível que pare-

ça, surgiu uma indissociável união em torno de um sentimento, que diríamos ser não somente brasileiro, mas ibero-americano, em que o grande *leit motiv* é a liberdade.

O Brasil muito deve ao gaúcho, pois a soberania e a integridade deste país-continente foram mantidas, nas fronteiras sulinas, mercê do excepcional sentimento de brasilidade do povo do *rincão de São Pedro*, que soube defender o nosso território, expulsando, ao tropel do cavalo e a pontações de lança, os inimigos que, por inúmeras vezes, tentaram a conquista ou a reconquista de tratos de terra do sagrado chão do Rio Grande. Que o autêntico gaúcho continue, pois, a dominar as coxilhas e os canhadões, que são o $\alpha - \Omega$ da pátria brasileira, onde termina e começa o nosso estremecido Brasil!

E quem fala em gauchismo - um estado de espírito supra-nacional, como provamos, fala em tradições e em culto ao passado. Não é por acaso que o maior clássico da literatura gauchesca, e não apenas argentina, é *Martin Fierro*, de José Hernandez Martin Fierro - a epopéia de um *gaudério* sempre livre e em

luta contra as opressões totalitárias.

E a História, a *mestra da vida*, nos ensina que um povo sem tradição e cultura está fadado, não a viver e sim a sofrer o seu destino mesquinho. Devemos, pois, batalhar, com denodo constante, especialmente nos dias hodiernos, quando somos alvos preferenciais da cobiça de potências estrangeiras, para que o nosso amado Brasil não perca as suas raízes, os seus prístinos referenciais, os seus mais caros e vetustos valores, as suas crenças, a sua identidade, o orgulho nacional, a sua *alma*, enfim.

E onde existir um CTG, na celebração dos feitos e costumes gaúchos, cuja fama se perde distante, sejam eles dos farroupilhas, dos índios velhos pampeiros, daqueles *xirus* guerreiros do passado, em luta constante contra o inimigo e que faziam dos quartéis, as suas residências, ou dos inolvidáveis pró-homens da terra, ali estará se protagonizando, em prosa, recitação ou canto, numa oblação ao espírito tradicionalista e patriótico, uma verdadeira ode, de acendrado amor pelo Brasil.

Por derradeiro, muito me apraz transcrever um

copla, que no ano de 1980, numa manobra militar de que participei no âmbito da 16ª Brigada de infantaria Motorizada - Brigada das Missões, no noroeste gaú-

O Brasil muito deve ao gaúcho, pois a soberania e a integridade deste país-continente foram mantidas, nas fronteiras sulinas, mercê do excepcional sentimento de brasilidade do povo do rincão de São Pedro, que soube defender o nosso território, expulsando, ao tropel do cavalo e a pontações de lança, os inimigos que, por inúmeras vezes, tentaram a conquista ou a reconquista de tratos de terra do sagrado chão do Rio Grande.

cho, próximo a Três Passos encontrei escrita, num couro velho e desbotado, pendurado na parede de um *bolicho* de estrada, onde paramos para saciar a sede. A estrofe, escrita em espanhol, evidenciando, assim, a universalidade do sentimento *guasca* dos pampas, não possuía autor, nem nenhum circunstante soube dizer da autoria da mesma.

Era assim:

Gauchos no llevan calzones.

Pero usan su chiripa com un grande letrero que dice:

libertad, libertad, libertad! ●